

## Prefácio

Pedro G. Pellegrino

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PELLEGRINO, PG. Prefácio. In: ALTOÉ, S. *Menores em tempo de maioridade: do internato-prisão à vida social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 3-4. ISBN: 978-85-99662-95-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PREFÁCIO

O grande castigo, o maior de todos os castigos, o insuportável, para um homem nascido na Grécia antiga, era ser condenado a ficar insepulto. Ficar insepulto queria dizer que aquele homem estava condenado a ser devorado pelos elementos da natureza, sendo dissolvido no reino da mesmidade, perdendo seu nome. Esta condenação, e o horror a ela, é correlato do horror do homem diante da morte, desaparecimento do nome, e, portanto, desaparecimento da condição humana que sempre é singular.

Poderíamos dizer que, analogicamente, as instituições que se ocupam da infância condenam aqueles que são submetidos a seus métodos a ficar insepultos, pois seu processo formador é todo dirigido no sentido de apagar as diferenças individuais reduzindo, se assim podemos dizer, os sujeitos submetidos a seus processos educacionais a seres da natureza, onde não há liberdade mas, somente, obediência à lei escrita na carne. A instituição toma o lugar de um gigantesco código genético em relação ao qual o sujeito tem que necessariamente obedecer. É impressionante notar no depoimento dos internos que, quando alguém fazia algo errado, todos pagavam, indicando assim que o sujeito estava abolido, existindo, somente, espécie. Não poder errar é arrancar o ser humano da dimensão da escolha, ou melhor, não poder ter um erro seu reconhecido é uma cruel cassação da possibilidade de se reconhecer humano, singular, errante.

Uma pergunta que brotou durante a leitura desta pesquisa, que ora introduzo, foi qual seria o sentido deste paradoxo que é educar tentando abolir do sujeito sua diferença e, depois de concluído o processo, lançar este mesmo sujeito num mundo que exigirá dele o exercício de uma diferença para a qual está despreparado. Por que tamanha crueldade? Por que tentar extrair do sujeito sua humanidade tentando condená-lo à condição de coisa?

Parece-me que esta crueldade revelada em todo este processo de educação da infância e adolescência carentes tem uma dimensão que escapa a todas as categorias com as quais habitualmente

tentamos pensá-la; é preciso problematizar de forma radical o sentido desta crueldade sempre presente na aventura humana.

Uma outra questão que me parece central no relato da pesquisa é a questão do futuro. Quando trabalha-se com a infância e a adolescência é com o futuro da própria sociedade que estamos trabalhando. No fundo, é a maneira como a própria sociedade se relaciona com sua possibilidade de existência. O futuro é fundador do fenômeno humano pois, é o tempo do sonho, é o tempo daquilo que não está presente mas orienta nossa procura. É o tempo do vir-a-ser, é o não-ser iluminando a construção do ser, é o tempo da criação humana, é o tempo da dor pois aí estamos condenados a buscar. O futuro é o tempo fundador do social e do individual e é, ao mesmo tempo, onde a fúria humana aparece em todo seu esplendor, como nas instituições.

A relação que as instituições têm com os internos parece ser uma tentativa que a sociedade faz de destruir seu próprio futuro. Podemos ver, nestas instituições, como a sociedade que vivemos lida com os seus fundamentos. A sociedade parece um louco que está em cima de uma pilastra quebrando com uma marreta a pilastra que o sustenta. Assim me pareceu, um louco quebrando sua sustentação, a tentativa que as instituições fazem para tomar seus internos não mais humanos mas seres condenados a viver a eternidade do aqui-agora, sem futuro, pois sempre, identidade com a lei que os determina.

Estas instituições que lidam com a infância e adolescência são lugares privilegiados onde podemos ver o nível do respeito que a sociedade tem para com a dignidade do ser humano. Infelizmente, na sociedade que vivemos, há muito pouco respeito por aquilo que funda nossa dignidade, ou seja, o futuro, tempo, por excelência, da liberdade humana.

*Pedro G. Pellegrino*